

---

## A relação médico-jornalista no Rio de Janeiro: assimetrias e zonas de contato na cobertura de saúde<sup>1</sup>

Tatiana CLÉBICAR<sup>2</sup>  
Kátia LERNER<sup>3</sup>

### Resumo

Este trabalho trata das relações travadas entre médicos e jornalistas de veículos de grande circulação no Brasil. Enfoca a caracterização e o lugar social desses atores, seu cotidiano produtivo, as regras ditas e não-ditas que pautam as atuações profissionais que resultam na cobertura noticiosa da saúde. A partir de pesquisa documental nos três principais jornais do Rio de Janeiro, foram identificados e entrevistados agentes privilegiados: editoras, repórteres, fontes médicas e assessoras de imprensa. Com base nos depoimentos de 13 informantes e utilizando os conceitos de campos e *habitus*, de Bourdieu, destacamos aspectos que marcam as relações entre as três categorias profissionais: assimetrias relacionadas a gênero, faixa etária, formação acadêmica e capital econômico. Observamos ainda zonas de contato em que tais elementos são relativizados.

**Palavras-chave:** comunicação e saúde; jornalismo; jornalistas; fontes médicas; assessoria de imprensa.

### Introdução

A compreensão da emergência da saúde como um valor nas sociedades ocidentais contemporâneas, capaz de ditar normas sociais e comportamentos individuais e coletivos, pode ser aprofundada se levarmos em conta o valor que esse tema vem angariando na cobertura jornalística dessas sociedades (LERNER, 2014). O poder simbólico (BOURDIEU, 1989) de que dispõe a imprensa e seus efeitos sobre a produção de sentidos têm sido estudados, em profundidade, nas áreas da comunicação, das ciências sociais e da saúde. Esses trabalhos, que frequentemente utilizam matrizes variadas da análise de discurso, análise de conteúdo e teorias de agendamento, contribuem de forma consistente e imprescindível para o entendimento de uma etapa crucial no processo de comunicação: a produção social dos sentidos que toma os textos como objeto. O cotidiano das redações

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista; doutoranda no Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fiocruz, email; e-mail: [tatiana.clebicar@gmail.com](mailto:tatiana.clebicar@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho; doutora em Sociologia e Antropologia (UFRJ), pesquisadora do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fiocruz e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde, email: [katia.lerner@icict.fiocruz.br](mailto:katia.lerner@icict.fiocruz.br).

de jornal e de seus jornalistas, contudo, não costuma ser investigado com a mesma assiduidade. Entender como se relacionam os agentes dos dois campos envolvidos – jornalistas e fontes médicas – é útil para a investigação da produção jornalística contemporânea sobre saúde porque essas relações cotidianas deixam marcas na cobertura. Nos jornais impressos de grande circulação, tais relações se constroem segundo especificidades regidas pelas lógicas produtivas desse suporte. Mas elas não são rígidas e fixas. Acompanham o processo de midiaticização por que passam as sociedades contemporâneas (FAUSTO NETO, 2008) e são por ele reconfiguradas. Apesar de as novas tecnologias de comunicação modificarem as formas de produção e circulação das notícias, há aspectos da produção dos impressos que ainda vigoram.

Neste artigo, descrevemos e discutimos as relações travadas entre médicos e jornalistas de veículos de grande circulação no Brasil. Estão em foco a caracterização e o lugar social desses atores, seu cotidiano produtivo, as regras ditas e não-ditas que pautam suas atuações profissionais e suas interações e que resultam num certo modo de fazer notícia que merece ser problematizado.

Para tanto, recorreremos às formulações teóricas de Pierre Bourdieu. Utilizamos os conceitos de campo e de *habitus* (2005; 2011) para discutir as lógicas que regem as relações entre os agentes. A noção de campo nos ajuda a entender como são conformados os espaços sociais constituídos pela medicina e pelo jornalismo, seus diferentes graus de porosidade e refração. O *habitus*, definido pelo autor como produto tanto das histórias coletivas e de classe quanto das experiências individuais e subjetivas, possibilitou-nos compreender como esses agentes transitam pelos dois campos.

Partimos de uma pesquisa documental nos três principais jornais do Rio de Janeiro – *Extra*, *O Dia* e *O Globo* – para identificar os agentes que entram em negociação e disputa simbólica. O levantamento contemplou o período de um ano (2014) e considerou apenas reportagens publicadas nas editorias de saúde. Essa etapa permitiu identificar agentes privilegiados: as editoras das publicações e as repórteres mais assíduas na cobertura, além de fontes médicas convocadas frequentemente. Realizamos entrevistas com roteiro semiestruturado com duas profissionais de cada veículo e quatro médicos. Nas entrevistas, percebemos a necessidade de incluir mais uma categoria: assessores de imprensa. Entrevistamos três profissionais que atuam nessa área, indicados pelos informantes anteriores. A partir dos 13 relatos coletados, destacamos elementos que marcam as relações entre as três categorias profissionais.

### **As assimetrias nas disputas simbólicas**

Em toda negociação que visa à construção de sentidos, como é o caso da que ocorre na produção noticiosa sobre saúde, há uma ponderação das forças dos agentes envolvidos que ora se somam, ora divergem. Observando mais de perto as relações estabelecidas entre eles, notamos que, nesse caso específico, há assimetrias entre os grupos estudados, que não são estáticas e podem fazer pender para um lado ou para outro o poder simbólico de que fala Bourdieu (1989). Essa desigualdade se desenha a partir dos perfis sociodemográficos dos três grupos, embora não se restrinja a eles. Há uma certa homogeneidade, quando comparados os agentes de cada grupo entre si, e heterogeneidade, quando confrontados como blocos. As características que aproximam ou distanciam os informantes estão associadas a questões de gênero, faixa etária, formação acadêmica e condição econômica.

Em relação aos gêneros, o cenário encontrado indica predominância de homens entre os médicos entrevistados e uma totalidade de mulheres entre as jornalistas. Ainda que essas diferenças não se manifestem de forma objetiva, não seria equivocado supor que estão presentes como questão de fundo nas relações cotidianas numa sociedade na qual, a despeito de se organizar em muitas esferas pela lógica individualista e igualitária, ainda é bastante marcada por sua tradição patriarcal. Diferenças salariais entre homens e mulheres de todas as áreas profissionais ainda persistem (IBGE, 2014) e se traduzem nas hierarquias do mercado de trabalho. Ao consultar os expedientes dos jornais, constatou-se que a predominância feminina verificada no nível da reportagem não é proporcional àquela que ocorre nos níveis hierárquicos mais altos da redação. A assimetria entre gêneros que persiste na sociedade brasileira acaba por afetar a relação repórter-fonte no contexto da entrevista, o que confere aos médicos um lugar de maior poder simbólico nessa interação.

As diferenças etárias marcam as relações estabelecidas com mais nitidez. Diferentemente das questões de gênero, cujas assimetrias se buscam combater, a idade pode ou não carregar consigo um poderoso capital simbólico quer seja pela experiência profissional que a maturidade proporciona, quer seja por atributos associados à jovialidade. Percebe-se que a questão etária se traduz de modos diferentes entre médicos e jornalistas. Enquanto para os profissionais de saúde, o avançar da idade parece ser mais valorizado, já que, nos casos estudados, nos anos de vida está embutido mais tempo de

formação e de experiência profissional, essa situação se inverte nas relações que permeiam o jornalismo. Trabalhos como o de Travancas (2011) mostram como a juventude pode ser um valor nas redações. A pouca idade e a limitada trajetória profissional são compensadas pelo domínio das novas tecnologias, pelo trânsito por grupos de vanguarda tão apreciado nas editorias de “comportamento”, pelo vigor físico e pela disponibilidade de tempo que as exaustivas rotinas na redação muitas vezes exigem, fazendo das camadas mais jovens uma desejável força de trabalho. Observou-se que, se para as repórteres a juventude pode ser vantajosa assim como a maturidade é para os médicos, quando os dois agentes interagem essa diferença de idade contribui, juntamente a outros elementos, para acirrar o poder do médico, que aparece como uma figura mais forte, por ser homem, ter condições financeiras e titulação acadêmica mais elevadas e dominar um saber esotérico frente à repórter, mulher, jovem, ainda dependente economicamente, desprovida de titulação *stricto sensu*, que se vê e se imagina vista por seu interlocutor como uma ignorante que faz perguntas “idiotas”, como registrou uma informante. O desequilíbrio se reverte, ainda que parcialmente, na redação do texto, quando ela assume o poder de selecionar o quê e quem – e como – constarão na matéria.

Diante um do outro, médicos e jornalistas negociam esse tipo de capital: de um lado, a idade mais avançada e a experiência dos médicos, que lhes conferem autoridade; do outro, a breve trajetória profissional e de vida das repórteres, que é ponderada pelo poder de fazer as escolhas editoriais que darão ou não visibilidade a esse médico ou ao tema de que trata. Essa ponderação que ocorre na relação com os médicos, em que o fator etário das jornalistas inicialmente visto como uma “desvantagem” é relativizado, não parece ocorrer na relação com as assessoras de imprensa. Nesse caso, ele tem um peso maior e uma valoração diferenciada. As assessoras entrevistadas expressam sob a forma de queixa a maneira como muitas vezes são tratadas por jovens repórteres das redações. Um dos indícios desse nível desigual de autoridade aparece na reprodução dos diálogos travados entre os agentes. As palavras “velha” e “menina” mais de uma vez apareceram na fala das informantes de ambos os lados, como qualificativos para se referir a determinados profissionais. Ao rememorarem episódios envolvendo os médicos, de outro modo, as jornalistas utilizaram como vocativos os termos “senhor” e “senhora”. Certamente, o avançar da idade traz uma série de inconvenientes profissionais para uma considerável parcela desse grupo.

---

Tal qual em outras áreas de atuação, no campo do jornalismo, o fator idade também é um denominador das relações sociais estabelecidas. Jornalistas da mesma faixa etária mantêm vínculos pessoais por terem partilhado a mesma universidade ou empregos anteriores, entre outros espaços de interação. Os vínculos pessoais se mostram importantes na construção das relações profissionais entre os jornalistas de redação e seus interlocutores, incluindo os assessores de imprensa, conforme o depoimento a seguir de uma assessora: “As pessoas que conhecem a minha história sabem que eu sou uma jornalista de verdade. Então me respeitam. (...) Mas o jornalista mais jovem, ele não sabe nem quem eu fui, ele não me conhece”. Ao apontar para a questão etária, essa entrevistada chamava a atenção para o fato de ter mais facilidade de oferecer suas pautas – e vê-las aceitas e transformadas em matérias – aos seus contemporâneos.

A faixa etária mais avançada corresponde, nos médicos, a uma formação acadêmica também mais extensa tanto do ponto de vista de anos de instrução universitária – não nos esqueçamos de que os seis anos de faculdade tornam a graduação em medicina a mais longa entre todos os cursos superiores no Brasil e eles são, desejavelmente, seguidos por, no mínimo, dois anos de formação na especialidade escolhida – quanto da oportunidade de educação continuada. Este é o terceiro aspecto em que pudemos identificar posições assimétricas. Após a residência médica, todos os quatro médicos obtiveram grau em nível *stricto sensu*. Mais jovem no grupo, a médica entrevistada não deu prosseguimento imediato no doutorado por questões de ordem familiar: a maternidade a fez postergar essa etapa de formação que não foi descartada de seu horizonte. O tratamento pelo termo “doutor”, em geral dispensado como uma deferência profissional na área da saúde, nos três demais casos, configura-se também um reconhecimento à titulação. Já entre as jornalistas, incluindo as assessoras de imprensa, a formação acadêmica restringe-se, na maioria dos casos, à graduação. Nas situações em que levaram adiante os estudos, elas haviam optado até aquele momento por cursos de curta duração ou especializações.

Embora não considerem a formação acadêmica como algo essencial ao exercício de sua profissão, repórteres e editoras vivenciam cotidianamente a disparidade entre essa característica do campo jornalístico em comparação com o campo médico. Algo que foi recorrente em suas falas é a sensação de que, frequentemente, são vistas pelas fontes como incapazes ou pouco aptas para tratar dos temas de saúde pela precária formação na área. No entanto, se por um lado as jornalistas podem se sentir fragilizadas diante das

limitações de seus conhecimentos técnicos a respeito da saúde, observam que detêm uma capacidade de que a maior parte dos médicos não dispõe que é a de se comunicar com parcelas expressivas e heterogêneas da população.

Os agentes, nesse caso, detêm saberes diferentes. O domínio da função exotérica do discurso (RODRIGUES, 2012), isto é, a capacidade de se apropriar das construções esotéricas dos médicos e torná-las compreensíveis para um conjunto amplo e abrangente de leitores, é o que habilita o jornalista a exercer seu papel de mediador (VELHO, 2001). Essa capacidade até então restrita aos comunicadores pode ser aos poucos suplantada na medida em que alguns médicos ocupam os espaços midiáticos não apenas na condição de fontes, mas também de produtores de conteúdo, ou enaltecida, quando são os jornalistas que se tornam especialistas na área. Os agentes capazes de atuar de forma híbrida passam, assim, a deter mais capital simbólico justamente por conseguirem transitar com mais destreza pelos dois campos. Há em curso uma mutação nos papéis e na forma de interagir, mediada pela função midiática, que não passa despercebida por esses médicos tão assíduos nos jornais.

As relações de que tratamos aqui exemplificam um ponto teórico importante: são marcadas por capitais culturais distintos, que se aproximam e concorrem. Ao propor o conceito de capital cultural, Bourdieu (2001) apontou para a existência de três formas de manifestação, três estados do capital cultural. São eles: o incorporado, o objetivado e o institucionalizado. Nas falas dos entrevistados, é possível identificar um acúmulo de capital cultural nos estados incorporado, traduzido pelo *habitus* tão valorizado no campo jornalístico, e institucionalizado, representado pela importância que as titulações têm no campo médico. O autor aponta que para se apropriar dos capitais culturais em quaisquer dos estados, é preciso dispor, inicialmente no contexto familiar, de um relativo capital econômico que assegure o tempo necessário para que se introjetem as regras, quando se trata do capital incorporado, ou se obtenham os diplomas, em face do capital institucionalizado. É justamente o capital econômico o quarto elemento que compõe o quadro assimétrico em que se encontram os grupos envolvidos. Ainda que pertençam às camadas sociais mais favorecidas da população e compartilhem de bens culturais compatíveis, há uma marcante desproporção financeira, expressa no valor dos rendimentos obtidos a partir do exercício profissional. Enquanto as jovens repórteres informaram salários que não atingiam na ocasião R\$ 5 mil, os médicos relataram rendimentos acima de R\$ 15 mil, teto estabelecido no questionário equivalente a 20

salários mínimos em 2015, quando os dados foram coletados. As editoras e as assessoras de imprensa mencionaram valores que se situavam nas faixas medianas.

Embora neguem que essas diferenças sejam determinantes na relação, as informantes jornalistas reconhecem, em parte, os efeitos dessas assimetrias de características econômicas e acadêmicas.

Minha briga com a equipe é assim: vou fazer com que tudo saia o mais correto possível pra ninguém falar que você é ruim. Sabe assim? De você ter uma certa moral, de você ter uma certa moral de você falar com a pessoa de igual pra igual. Porque eu acho que essa relação de médico com jornalista é uma relação que muitas vezes foi desigual. (J5)

O que a informante nomeia como “uma certa moral”, ou seja, “um certo capital”, pode ser deslocado para a discussão teórica, segundo entendemos, como o conceito de capital cultural incorporado, ou seja, pelo conjunto de regras introjetadas pelo *habitus*. Entendemos que esse capital se institucionaliza, porém, quando ela informou que a constatação de condutas passíveis de questionamento motivou a empresa em que trabalha a estabelecer formalmente os limites das relações com as fontes, publicando e fazendo circular uma série de normas num documento formal. Não nos deteremos nas especificidades daquilo que ficou conhecido no mundo corporativo como *compliance*. No entanto, a menção à existência desse conjunto de normas e orientações para a conduta entre jornalistas e fontes indica que há aí motivações para que houvesse necessidade dessa delimitação de

(...) toda uma coisa interna do que você pode ou não fazer. De que você não pode usar dos seus, sua experiência no jornal, de trabalhar no jornal para ter nenhuma vantagem de nenhum tipo, em nenhum lugar. O que eu acho certíssimo mesmo. Mas durante muito tempo isso aconteceu. (...) eu acho que durante muito tempo teve essa relação um pouco promíscua. E acho que eles muitas vezes falavam com a gente de uma forma, não sei se desrespeitosa, **mas de cima pra baixo**. (J5, grifos nossos)

Alguns dos médicos e assessores de imprensa confirmam a existência desse tipo de relação de troca, que nem sempre se manifesta como um benefício material explícito.

Esse “agrado” ou barganha pode ser entendido também como uma estratégia para reduzir a assimetria de poder nessa relação já que, nessa situação, o jornalista deixaria claro para o médico que tem a chave para lhe dar visibilidade, se isto lhe convier. Da maneira como pudemos interpretar as relações descritas, é o poder que têm ao escrever que reduz a assimetria entre os médicos e os jornalistas que operam nos extratos mais uniformes da redação. Mesmo que em algumas situações isso venha sendo relativizado,

os médicos ainda ocupam um lugar de prestígio nas sociedades contemporâneas. Seu status elevado, pelo poder quase sacerdotal que de certa maneira ainda lhes é atribuído, permanece diante das repórteres. No caso de alguns dos médicos entrevistados, em especial, conforme registramos, essa aura parece ser acentuada em função dos capitais cultural e econômico de que dispõem. Precisa ser registrado, no entanto, que a assimetria apontada aqui pode se manifestar de outra forma nas relações com jornalistas que ocupem cargos de maior poder nas redações.

Destaque-se que alguns elementos descritos aqui também foram identificados na situação de pesquisa, o que nos motivou a não perder de vista e a problematizar o lugar da pesquisadora – mulher, de 35 anos e jornalista – frente aos informantes. Algumas assimetrias observadas nas relações entre os informantes foram percebidas também na relação com os médicos, quase todos homens, mais velhos e com formação acadêmica mais avançada. O tratamento por “senhor” e “doutor” numa mão única no curso das entrevistas foi naturalizado, inclusive porque as formas de tratamento usadas com a única médica e com todas as jornalistas, independentemente da hierarquia ou faixa etária, foram diferentes e equilibradas. Esse aspecto empírico, notado ao longo e após as transcrições das entrevistas, foi debatido e nos ajudou a perceber as questões teóricas relacionadas.

Merece ser frisado que o fato de a pesquisa ter sido desenvolvida por uma jornalista, no âmbito do mestrado, numa instituição de saúde, pareceu ter impactos, também diferenciados, na negociação simbólica com as três categorias de agentes envolvidas. A maior parte dos informantes recebeu o convite de forma positiva, muitos com interesse e surpresa sobre o campo em que o objeto se inscreve. Entre os médicos foram recorrentes e explícitas as falas a respeito da busca por aperfeiçoamento e titulação na Fundação Oswaldo Cruz como uma atitude incomum e louvável. Além disso, as posições no contexto da entrevista acadêmica não foram diferentes da que ocorreria se a entrevista tivesse uma finalidade jornalística (a relação repórter-fonte é congruente com a relação pesquisadora-informante). Assim, não se pode deixar de considerar que algumas das respostas tenham sofrido algum tipo de modulação por parte dos médicos justamente porque lidavam com uma profissional de comunicação.

Já as jornalistas, com quem a identificação muitas vezes ocorreu em mão dupla já que partilhávamos de códigos semelhantes relacionados a gênero, profissão e círculos sociais, manifestaram curiosidade a respeito do caminho percorrido entre a redação e o ambiente acadêmico, algo que foi interpretado também como uma valorização. Uma

delas, no entanto, registrou um certo desconforto com as abordagens que a academia usualmente adota para tratar de seu ofício. Ela dizia não concordar com análises que conferem à mídia poderes maiores do que ela, jornalista, acredita ter. Quanto às assessoras, pudemos observar em duas oportunidades algum receio de tornar públicas suas estratégias para lidar com médicos e jornalistas por dois motivos diferentes: comercial, já que elas cobram por cursos voltados para os médicos e para outros assessores, e político, já que algumas das suas práticas cotidianas, vistas por elas próprias como táticas para assegurar visibilidade para seus clientes, poderiam não ser bem-recebidas por seus pares ou interlocutores nas redações.

Ao registrar as relações travadas nos consultórios e congressos, os informantes deixam à mostra que a construção das notícias extrapola o âmbito da redação e se desenvolve em espaços de interação social muito variados. Trata-se de zonas de contato de fronteiras fluidas, das quais trataremos a seguir.

### **As zonas de contato**

Ao iniciar a pesquisa, trabalhávamos com uma hipótese gestada a partir da experiência como jornalista de redação: a ideia de que as relações pessoais poderiam ter um papel importante na construção de notícias sobre saúde. Essa percepção se manifestou na fala dos informantes através de relatos que apontam para a possibilidade de situações “extrajornalísticas”, aquelas em que os agentes ocupam lugares de interlocução diferentes daqueles que ocupam quando no exercício profissional. O que se constatou é que nem os jornalistas nem os médicos despem seu traje profissional, mesmo quando não estão no tempo e no espaço de seu ofício. O processo da construção noticiosa é, portanto, maior do que a área física e virtual da redação e se dá nos múltiplos nichos em que os agentes interagem socialmente, construindo vínculos que evocam proximidade ou distanciamento social: a família, as relações de amizade, o consultório, os congressos. Nas mais variadas situações de interação social, a faceta profissional pode ser acionada. Para compreender essa forma de atuação, recorre-se ao conceito de zonas de contato (PRATT, 1999; CLIFFORD, 1997).

Autores como Mary Louise Pratt e James Clifford utilizam o conceito numa articulação socioantropológica: a primeira, ao estudar os espaços de interação nas relações coloniais, e o segundo, ao se dedicar ao tema dos museus. Em ambos os casos, estão em destaque os espaços capazes de pôr em contato diferentes esferas culturais.

---

Deslocamos o conceito de seu contexto original porque entendemos que nos ajuda a trabalhar com os lugares físicos e virtuais em que os campos do jornalismo e da medicina se interpenetram. Assim, as zonas de contato de que tratamos aqui são “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” (PRATT, 1999, p. 27). Segundo ela, “uma ‘perspectiva de contato’ põe em relevo a questão de como os sujeitos são constituídos **nas e pelas suas relações** uns com os outros” (idem, p. 32, grifos nossos), o que destaca as dimensões dos encontros, frequentemente deixadas à parte nos estudos coloniais, sem desconsiderar, no entanto, as forças das estruturas. Essa é a essência do conceito que gostaríamos de extrair. Ela nos ajuda a discutir como médicos e jornalistas moldam suas práticas comunicativas na relação uns com outros para além das coerções institucionais. É o que acrescenta Clifford, que tomou de Pratt o empréstimo do termo: “Além disso, as zonas de contato são constituídas através do movimento recíproco de pessoas, não apenas de objetos, mensagens, mercadorias e dinheiro” (CLIFFORD, 1997, p.195, tradução nossa).

Este é para nós um ponto caro porque entendemos que essas relações pessoais marcam a forma como são construídas as pautas de saúde nos jornais cariocas. Nesse sentido, a porosidade dos campos, apontada por Bourdieu (2004, 2011) ganha em materialidade quando percebemos que determinado tema passa a receber mais destaque no jornal porque afeta diretamente a vida dos agentes envolvidos ou da sua rede pessoal. Não queremos com isso dizer que as experiências pessoais dos jornalistas sejam a razão principal para a definição de pautas e fontes, mas explicitar que as questões subjetivas podem ser o fator decisivo em momentos de disputa. Pudemos constatar esse aspecto pessoal em duas zonas de contato mais evidentes: a família e o consultório médico, ou seja, quando os jornalistas mantêm vínculos familiares com médicos e quando os jornalistas ou seus familiares assumem a condição de pacientes. Como estudado por sociólogos e antropólogos interessados na formação da identidade brasileira, as redes familiares são um fator importante na construção de diferentes estruturas socioculturais nesse contexto (HOLANDA, 1995; DA MATTA, 1997). Além disso, os jornalistas não estão imunes à valorização das práticas de autocuidado, que deixa marcas em nossa vida cotidiana pelas cíclicas idas ao médico. Destacamos, assim, esses dois aspectos na interseção dos campos da medicina e do jornalismo.

---

Três das jornalistas entrevistadas – de redação e assessoria – mantêm relações de parentesco direto com profissionais da medicina. Uma é oriunda de uma família em que pai, avôs e tio são médicos; duas casaram-se com médicos que conheceram no exercício profissional como jornalistas. Elas explicam como questões de saúde que orbitam a vida privada tendem a ser incorporadas por elas. Um primeiro exemplo para se entender essa interação é o acesso que têm ao conhecimento médico. Com o intuito de minorar as lacunas na formação em saúde, algumas jornalistas informam que, além de buscarem se capacitar por meio de leituras e da própria prática, contam com a rede pessoal que lhes oferece suporte para a cobertura especializada. Novamente, não estamos sugerindo que as relações pessoais sejam o principal fator para a inclusão desta ou daquela fonte, mas que exercem alguma influência quando há uma concorrência simbólica.

Algumas vezes o vínculo pessoal é apenas uma porta de entrada ou um aditivo para uma visibilidade que já existe ou passará a existir. Em outras situações, a relação de intimidade com um médico contribui para o sucesso de uma matéria. O profissional em questão não é citado como uma fonte formal, mas colabora indiretamente para a acurácia das informações no seguinte sentido.

Além de contribuir para a precisão de termos técnicos, a relação de familiaridade com o campo médico também é capaz de deslocar o olhar dos jornalistas sobre questões controversas. Uma das informantes relata sua visão a respeito da cobertura de erros médicos pelos jornais e pondera aspectos capazes de alterar a lógica de produção. Durante a entrevista, fica claro que talvez não seja a experiência profissional o fator determinante para esse entendimento ou equilíbrio, mas sim o fato de que ela é capaz de ver o caso não apenas pelas lentes do jornal, mas também pelas da medicina por conviver com um médico em âmbito familiar. Assim, é capaz de exercer o papel de mediadora entre os campos com mais legitimidade. O outro aspecto que gostaríamos de destacar sobre como as relações privadas com médicos atravessam o campo jornalístico é aquele que ocorre no ambiente dos consultórios, uma segunda zona de contato importante. As consultas com seus próprios médicos ou de seus familiares com frequência resultam em pautas. A cobertura de fatos que atinjam diretamente o círculo pessoal vai nessa direção.

O que na fala de uma informante é referido como algo “natural”, talvez seja fruto de uma característica personalista marcante da sociedade brasileira, em que as relações são estabelecidas entre “pessoas” e não entre “indivíduos” (DA MATTA, 1997), o que distinguiria os espaços de interação. Tendo o objeto de pesquisa em mente, esta questão

teórica, que explica o sistema social brasileiro a partir da existência desses dois tipos de sujeitos (um indivíduo como tantos outros e, portanto, regido por regras coletivas comuns e uma pessoa, detentora de um círculo de relações específicas que a distingue das demais), pode explicar o trânsito do médico para o lugar de fonte e o do jornalista/assessor para o de paciente. É curioso perceber que a relação não se estabelece num sentido único. Ela ocorre também no sentido contrário, ou seja, uma fonte, por sua autoridade na área, torna-se o médico do jornalista.

Os profissionais de saúde também percebem a extrapolação ocasional da relação médico-paciente e referem-se a ela como algo inerente à interação no consultório do mesmo modo como as jornalistas afirmam captar pautas “em qualquer situação”. Um deles relembra episódios em que seus pacientes jornalistas publicaram notas ou reportagens a partir de questões surgidas no consultório, mas enfatiza que sempre preserva a identidade dos envolvidos.

Foi da proximidade com jornalistas que ocupam posição de destaque em um dos jornais, como colunistas e executivos, que um dos médicos entrevistados passou a ter uma atuação diferenciada no veículo em questão, deixando de ser uma fonte assídua para assumir um papel híbrido na produção noticiosa. Esse exemplo bastante singular nos faz crer que as relações pessoais são uma via irrefutável de viabilização desse trânsito. Seguramente, elas não sustentariam o vínculo profissional sem atributos como titulação acadêmica, aceitação dos pares, domínio das competências jornalísticas, mas são importante porta de entrada, uma zona de contato estreito.

Num nível bastante distante desse na hierarquia do jornal, situações em que a relação médico-paciente é evocada também aproximam agentes dos campos envolvidos. Duas das assessoras entrevistadas relatam que, com relativa frequência, fornecem ajuda que excede a dimensão jornalística, embora neguem que essas práticas tenham impacto na cobertura jornalística em si. Isso inclui obter atendimento médico para os profissionais da imprensa, seus familiares, amigos ou empregados domésticos. Apesar da existência ou não de troca de favores, esse dado chama a atenção para as redes que se formam para além do círculo em que as notícias são produzidas; para um alargamento do espaço a que supostamente a produção noticiosa deveria estar restrita.

Do consultório médico, passamos aos encontros científicos. Mencionados reiteradamente como espaços privilegiados de interação, os congressos médicos são, segundo cremos, uma terceira zona de contato importante. A participação nesse tipo de

---

evento é vista tanto pelos jornalistas quanto pelos médicos como uma maneira de se estreitarem os laços entre entrevistadores e fontes. Isso ocorre porque os congressos são oportunidades para conhecer pessoalmente muitos especialistas reunidos, assistir a anúncios envolvendo inovações da área e inteirar-se das controvérsias das especialidades, tudo isso alternando o ambiente formal das sessões com a informalidade que as programações sociais propiciam.

Ao elogiar o desempenho de determinados jornalistas, um dos médicos dá destaque à participação em congressos. De forma semelhante, uma jornalista considera a participação em congressos como uma estratégia positiva na construção da relação com a fonte. Pelo fato de os jornais não destinarem verbas próprias para esse tipo de evento, a participação em congressos costuma decorrer de um convite da organização ou dos patrocinadores do encontro. Quando parte da organização do congresso, em geral mediado pela assessoria de imprensa contratada para divulgá-lo, o convite é recebido com mais entusiasmo pela chefia das redações. No entanto, quando passagens, estadias e alimentação são custeadas pelos patrocinadores, geralmente, laboratórios farmacêuticos, os convites tendem a colocar em xeque os interesses que pautam a relação. Esse é um tipo de vantagem indireta do trabalho na redação, mencionado por uma das repórteres. Em pelo menos uma das redações, a aceitação dos convites para congressos custeados por laboratórios, que já foram considerados prêmios e oferecidos aos jornalistas que se destacam, deixaram de sê-lo. Essa medida que visa ao controle dos excessos é suspensa em situações especiais. O que seria a saída para esse impasse, o custeio do envio dos repórteres pelos próprios jornais, não está no horizonte da jornalista em razão das pressões para redução de gastos de produção. Se em alguns casos, há um certo pudor de alguns veículos em aceitar os convites, em outros, raros porém relevantes, há pedidos de favorecimento, relatou uma das assessoras.

Enquanto os congressos, as consultas médicas e as redes familiares vêm se configurando como zonas de contato privilegiadas, as redações perdem aos poucos essa característica. Cada vez mais, as visitas externas são indesejadas pelos jornalistas e, aparentemente, pelos próprios jornais, que colocam restrições à circulação de visitantes em suas dependências. Outras estratégias são acionadas a fim de assegurar a aproximação pessoal por parte dos jornalistas e das assessoras. Uma delas é a utilização de espaços de interação virtual. Durante a entrevista, uma das jornalistas acessou sua conta pessoal numa mídia social para mostrar dois médicos que fazem parte de sua rede de contatos.

---

Outro depoimento favorece essa percepção: “É que a gente acaba virando amigo do Facebook dos assessores, né? Tem aquele pessoal que eu ligo quando a pauta muda às seis horas da tarde”. Esse uso difuso das mídias sociais é um nicho que começa a ser explorado pelos assessores de imprensa num momento em que os jornais impressos vivem reformas estruturais e editoriais que visam a reduzir despesas. Além de se configurar como uma nova zona de contato entre os agentes e mesmo diretamente com os leitores e potenciais pacientes, as redes sociais são encaradas também como novas janelas de visibilidade.

### **Considerações finais**

A complexidade das relações estabelecidas por jornalistas e médicos se deve a práticas, visões de mundo e identidades sociais distintas que se articulam com as questões estruturantes dos campos do jornalismo e da medicina. Conforme proposto por Bourdieu (2011), entender as noções de campo e *habitus* é o que permite decifrar algumas dessas questões. Diferenças socioculturais entre os agentes vão além da formação acadêmica. Elas se espriam por gênero, faixa etária e capital financeiro, mediações capazes de configurar de forma assimétrica a maneira como os grupos se veem mutuamente e veem o mundo. A assimetria que marca essas relações, pudemos observar, manifesta-se de forma sutil na forma como esses agentes se relacionam cotidianamente, incluindo sutilezas como formas de tratamento distintas. Mas o peso dessas relações não pende sempre para o mesmo lado.

Ao escolher sobre o que, quem e como escrever, os jornalistas conseguem reverter, ainda que parcialmente, os desequilíbrios das relações. Isso não significa receber privilégios materiais ou financeiros, ainda que algumas falas registrem esse tipo de comportamento em pequena escala; significa privilegiar determinadas fontes que detenham certas características, além da formação acadêmica e das credenciais institucionais, associadas à compreensão do funcionamento da imprensa.

Um aspecto que talvez mereça mais investimento é o quanto as relações e as experiências pessoais podem influir na definição e no enquadramento das pautas. Pudemos observar que há zonas de contato em que a relação médico-jornalista se estabelece por vias que excedem os limites da redação. Enfatizamos que não há aqui um juízo negativo sobre o uso das experiências pessoais ou de múltiplos espaços de interação como possíveis cenários para a construção das notícias. Mas essa percepção a respeito

---

do caráter personalista que marca o panorama encontrado pode ter desdobramentos que precisam ser compreendidos de forma mais aprofundada.

## Referências

BOURDIEU, P. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) Escritos de Educação, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001, pp.73-79.

BOURDIEU, P. Os usos sociais da ciência. São Paulo, Unesp, 2004.

BOURDIEU, P. The political field, the social science field, and the journalistic field. In: BENSON, R; NEVEU, E. (eds.) Bourdieu and the journalistic field. Cambridge: Polity Press, 2005.

CLIFFORD, J. Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century. Harvard University Press, Londres, 1997.

DA MATTA, R. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. **Matrizes**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.89-105, jan. 2008.

HOLANDA, S. B. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estatística de gênero: Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2016.

LERNER, K. Doença, mídia e subjetividade: algumas aproximações teóricas. In: LERNER, K, SACRAMENTO, I (orgs.). Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.

PRATT, M. L. Crítica na zona de contato. Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

RODRIGUES, A. D. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. MOUILLAUD, M.; PORTO, S. (Org.). O jornal: da forma ao sentido. Brasília: UNB, 2012, 3ª ed.

TRAVANCAS, I. S. O mundo dos jornalistas. São Paulo: Summus, 2011.

VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (orgs.). Mediação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.